



O assentamento PE Rodeio e a agroecologia: uma análise a partir da entrevista em trabalho de campo

The Rodeio settlement and agroecology: an analysis from the fieldwork interview

MIÓLA, Michelly Ariadne Rafael¹; SILVA, Vitória Levorato de Amaro²; BUSCIOLI, Lara Dalperio³

¹ Universidade Estadual Paulista, michelly.ariadne@unesp.br; ² Universidade Estadual Paulista, vitoria.levorato@unesp.br; ³ Universidade Estadual Paulista, lara.buscioli@unesp.br, Fapesp: 2019/16813-7

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: Historicamente o campesinato a partir dos seus saberes tradicionais utiliza-se da agroecologia como uma forma de resistência que está diretamente relacionada com a soberania alimentar na busca pela conquista do território ou pela sua permanência, tornando-se assim, um importante instrumento de pesquisa a campo aliado a academia. Assim, objetivamos apresentar um relato de experiência de trabalho de campo focando na aplicação da metodologia de entrevista realizada no Assentamento PE Rodeio com dois membros no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na pesquisa militante. Compreendemos que a entrevista se coloca como importante instrumento de luta dentro do contexto da pesquisa militante, pois permite produzirmos informações quantitativas e qualitativas importantes. Neste contexto, o nosso relato de experiência parte de uma análise do campesinato organizado via tecnologia socioterritoriais e educação do campo que contribuem para a perspectiva da soberania alimentar.

Palavras-chave: educação do campo; tecnologias socioterritoriais; produção agroecológica; movimento dos trabalhadores rurais sem terra.

Contexto

O PE Rodeio no contexto da luta e resistência camponesa no Pontal do Paranapanema

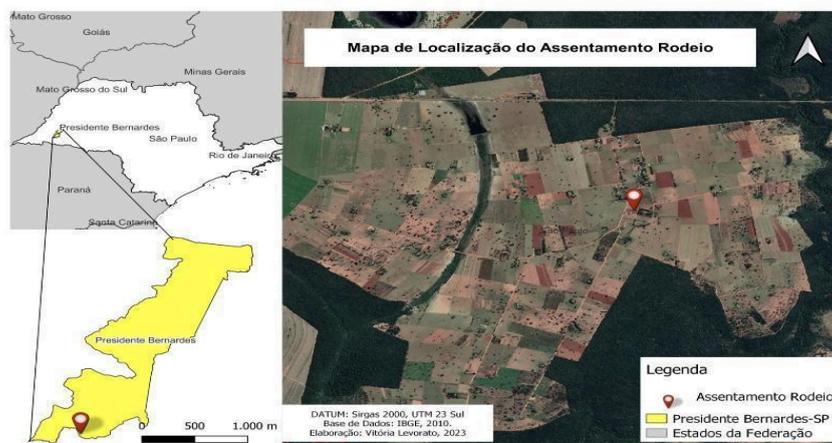
Localizado na ponta do estado de São Paulo, o Pontal do Paranapanema possui um papel importante para a luta pela Reforma Agrária brasileira. Sendo uma área tomada pelo latifúndio, o Pontal nasce da desterritorialização dos povos indígenas e posteriormente dos pequenos proprietários e posseiros, que passaram a migrar para núcleos urbanos (SOBREIRO FILHO, 2012). Esse processo de desapropriação violenta avançou de forma exacerbada através da grilagem.

Partindo desse contexto, entendemos que a formação/ chegada dos movimentos socioespaciais/ socioterritoriais camponeses nesse território ocorreu de forma ímpar, seguindo as especificidades da região. Com o Assentamento Rodeio não foi diferente. Pertencente ao município de Presidente Bernardes, interior do estado, a conquista do assentamento decorreu no ano de 1997, porém, a luta pela terra começou em 1994/ 1995. Na entrevista realizada em 2022, compreendemos que havia uma quantidade de terras significativas que foram detidas durante o governo



do Mário Covas; por esse motivo os acampamentos e enfrentamentos judiciais começaram em Sandovalina. Nesse mesmo período, a luta se espacializou por outros municípios do Pontal, incluindo o de Presidente Bernardes. Quando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) chegou na fazenda Rodeio, a área já tinha passado por várias “rodadas de negociações”, esse procedimento era muito comum quando o latifundiário tinha ciência de que perderia a área e queria minimizar os danos. O resultado de toda essa resistência foi o assentamento, conforme podemos observar na Figura 1.

Figura 1. Mapa de Localização do Assentamento Rodeio



Com base nisso, o objetivo deste relato é apresentar a partir da entrevista realizada com os militantes do MST em trabalho de campo no 13 de outubro de 2022 os avanços e problemáticas do assentamento desde a sua conquista, além de buscar contribuir com o debate da agroecologia dentro da questão agrária. Nosso campo tem início com saída de Presidente Prudente, levando aproximadamente uma hora para chegar até o assentamento. Durante o trajeto, é nítido a presença do agronegócio através da monocultura. Chegando lá, fomos recebidos pelo casal de companheiros Maria e Aparecido¹, que cederam o espaço da Associação para realização da entrevista.

Durante as falas dos companheiros, ficou evidente a preocupação da comunidade com cada detalhe, desde a terra até a escola e a agroindústria. Ao analisar todo o material recolhido em campo, entendemos que nosso relato é de imenso valor para a composição do eixo temático. Nossa leitura parte do território que é multiescalar e multidimensional, logo, a expressão do campesinato está para além da agroecologia, está presente em cada meio de organização, educação e produção.

¹ Devido às questões teórico-metodológicas e dos conflitos fundiários na região, elencamos pela não identificação real dos sujeitos, nos utilizando assim de nomes fictícios.



Descrição da Experiência

Trabalho de campo no contexto agroecológico: a entrevista em questão

Nosso relato de experiência partindo do trabalho campo perpassa uma perspectiva da pesquisa correlata à militância, uma vez que os sujeitos envolvidos, estão vinculados com a luta pela terra, seja no espaço rural como no espaço universitário que envolve tanto educandos ou de educadores na busca pela transformação da realidade. Neste contexto, a execução das entrevistas no trabalho de campo no Projeto de Assentamento Estadual (PE) Rodeio esteve vinculada com: pesquisadores militantes da graduação, mestrado e doutorado da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho em que parte é pertencente ao Coletivo de Mulheres da Rede DATALUTA - Rede Brasileira de Pesquisa das Lutas por Espaços e Territórios e outros são camponeses militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A pesquisa esteve vinculada aos camponeses que são companheiros de vida a mestrandas Marília e Aparecido ambos atuantes do MST no setor de produção e educação, bem como as autoras deste trabalho pertencentes ao Coletivo sendo uma doutoranda e duas graduandas. Neste sentido, os objetivos expostos neste relato, estão contidos em ambas pesquisas partindo da totalidade da compreensão dos elementos da agroecologia em questão.

Para o campo analítico do trabalho focaremos na metodologia de entrevista, mas anteriormente realizamos um levantamento prévio dos temas mais importantes da pesquisa através de artigos científicos, livros, trabalhos publicados em anais de eventos e em sites do Movimento, que nos subsidiaram para a escrita do roteiro desta metodologia, são eles: agroecologia, tecnologia socioterritoriais, educação do campo, comercialização, campesinato, MST entre outros.

No que tange a entrevista, estamos partindo dos estudos de Colognese e Melo (1998) que tem uma perspectiva analítica crítica sobre tal metodologia, as compreendendo como processo de interação no campo das relações sociais entre pesquisador e depoente cujo objetivo é a extração de informações pertinentes aos estudos: “entrevista-se porque acredita-se que o entrevistado detém informações que transmitidas ao entrevistador, podem ajudar a elucidar questões” (p. 143). Neste sentido, a pesquisa militante com aplicação desta metodologia avança ao pensarmos nas questões políticas, teóricas conceituais e práticas de ambos os sujeitos envolvidos, qualificando assim os trabalhos que envolvem esta práxis. Sentidas e evidenciadas nesta ida a campo, com características não só de extração de informações, mas como perspectiva de mudança e transformação social nossa.

Retornando aos estudos de Colognese e Melo (1998), a questão metodológica da entrevista, elencamos a de caráter semi-estruturada, pois ao realizarmos o roteiro de entrevista selecionamos as questões principais questões a serem abordadas e analisadas via depoimento, com a liberdade de adicionarmos as perguntas outros pontos e indagações pertinentes conforme a narrativa desses sujeitos.



Com esta base teórica em mente, fomos a campo aplicando essa metodologia no assentamento PE Rodeio que como abordado é o foco das lutas do MST na região do Pontal do Paranapanema no estado de São Paulo, em que os sujeitos organizados, protagonistas dos nossos depoimentos, tem contribuído historicamente para a luta e permanência neste território através da agroecologia e da Educação do Campo envolvendo as tecnologias socioterritoriais. Estamos compreendendo a tecnologia socioterritorial todo método que acelere o processo de organização, produção e desenvolvimento do assentamento que vincula-se a educação do campo, que é entendida dentro de um quadro de luta e resistência educacional que envolve os aspectos políticos/econômicos/sociais, e principalmente o cultural dos sujeitos do campo, que se coloca no contexto contra hegemônico da produção do território em que a agroecologia é centralizadora por partir de uma crítica ao atual modelo de desenvolvimento do agronegócio com relações de produção estritamente capitalista de monocultura, ou seja, distintas da agroecologia e seus saberes tradicionais na propositiva da consolidação da soberania alimentar.

No campo da permanência dos territórios através desses dois elementos, procuramos fazer as indagações nas questões relativas à territorialização desses sujeitos na qual em nossa experiência foi importante para compreendermos as narrativas dos sujeitos, que estavam embasadas nas lutas e resistências históricas que reverberam aos dias atuais. Em que, nas falas identificamos a importância da coletividade nos processos básicos de territorialização, como a divisão dos lotes, a importância dos grupos de trabalhos e principalmente na ação coletiva no processo produtivo via agroecologia e educação do campo embasadas nas tecnologias socioterritoriais ilustradas na Figura 2:

Figura 2: Elementos da agroecologia no PE Rodeio



Fonte e Organização: Buscioli; Mióla, 2022.

Conforme podemos observar na Figura 2 temos dois elementos vinculados a agroecologia:

- 1) A luta, conquista e desterritorialização da educação do campo no assentamento via escola Paulo Freire. Uma vez que, sua conquista significou muito para a questão da permanência dos camponeses na terra partindo dos elementos



educacionais críticos vinculados as identidades destes sujeitos nas vivências cotidianas, principalmente com a preservação da natureza elementos centrais da agroecologia, mas que também significou uma “derrota” pelo seu fechamento que ocorreu por um conjunto histórico-social-político. Nesta perspectiva e nas narrativas da entrevista a resiliência neste processo configurando também como uma resistência, elencamos um processo de ressignificação deste território educacional por ora fechado, ocorre um processo coletivo de atividades culturais realizadas nele, como festas, casamentos e assembleias evidenciando a perspectivas do pertencimento do prédio para os assentados nas narrativas dos depoentes. Assim, concordamos com a fala de Marília ao analisar que esta ressignificação do espaço “são formas com que a comunidade encontra de combater as contradições e construir a resistência de seu território” (em entrevista às autoras, 2022). Resistência que se faz presente em vários outros elementos desde a existência perpassando pela comercialização da produção agroecológica.

2) O guardar a semente agroecológica e a criação de uma agroindústria enquanto elementos de tecnologias socioterritoriais. No primeiro ponto, a semente crioula é a base da perspectiva e consolidação da agroecologia nos territórios, visto que sua importância permanece além das questões culturais, como uma perspectiva produtiva e de conservação da biodiversidade local a partir das diversidades. O entrevistado Aparecido, trabalha com a semente no sentido da coletividade, ele guarda e distribui dentro do assentamento com o intuito de ampliar agroecologia dentro do assentamento buscando evidenciar os elementos identitários do campesinato. Em nossa experiência do relato de campo observamos que a questão das sementes se coloca como uma forma de resistência e orgulho do camponês neste território, visto que, com a perspectiva da comercialização via processamento dos alimentos na agroindústria permitem avançar na reforma agrária popular buscando outro modelo de desenvolvimento. Assim, a agroindústria se coloca como uma importante tecnologia socioterritorial dentro do assentamento que com seu funcionamento, permitirá um avanço no processo produtivo dos assentados organizados, abertura de novos mercados vinculados ao campesinato acarretando no aumento de da geração de renda deles, melhoramento no processo organizativo destes sujeitos evidenciando suas questões identitárias e coletivas.

Resultados

A aplicação de entrevistas no contexto agroecológico

Antes de dar continuidade a esse relato, frisamos que a entrevista realizada foi resultado de pesquisas bibliográficas, reuniões de orientação e debates com o nosso grupo de pesquisa; e segue o viés de uma pesquisa militante. Quando fomos a campo para realizar a entrevista com a Maria e o Aparecido, compreendemos a conjuntura do território em que estão contidos, dentro de uma perspectiva em que a luta pela terra é indissociável da agroecologia, articulada em todas as dimensões do território, a econômica, a política, a educacional e etc.



Esse estudo procurou contribuir com os camponeses e camponesas envolvidos, que passaram por processos opressivos em suas trajetórias de lutas aliados ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. A partir da metodologia aplicada, tivemos a oportunidade de perguntar sobre o processo de conquista do assentamento, sobre a abertura e fechamento da escola Paulo Freire, sobre a produção e comercialização do realizada e, sobre como a agroecologia se relaciona com estes, e a partir de que momento ela é tomada como referência.

Compreendemos como a ideia da agroecologia se deu no processo de apropriação do território, na educação do campo e no desenvolvimento de tecnologias socioterritoriais, numa perspectiva de que o movimento socioterritorial reconhece a importância do campesinato como guardião das florestas, sementes, nascentes, rios e fauna. E também reconhece a importância da criação de circuitos curtos de comercialização, como a feira e as cestas quinzenais que são vendidas diretamente ao consumidor, sendo tecnologias socioterritoriais que, juntamente com a produção de alimentos saudáveis, são condizentes com práticas agroecológicas. Identificamos através da entrevista como a agroindústria pode ser considerada uma tecnologia socioterritorial, agregando valor e beneficiando o produto. Foi através dessa ferramenta, a entrevista, que pudemos concluir o quão importante a agroecologia foi e é importante aos processos que circundam a luta em todas as dimensões do território campesino.

Nossa proposta de relato de campo, a partir da investigação científica e do diálogo, cria e fortalece o canal entre a universidade e o movimento socioterritorial, unindo os saberes acadêmicos aos populares, para fomentar o debate sobre o campesinato aliado à soberania alimentar e territorial. A aplicação de entrevistas é fundamental para a pesquisa militante, que dentro das universidades significa produzir uma ciência que leve à uma transformação social, criticando e evidenciando a problemática emergente da neutralidade científica e seu compromisso com a desigualdade.

Agradecimentos

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo número 2019/16813-7.
PROEC - Pró-reitoria de Extensão Universitária e Cultura da Universidade Estadual Paulista.

Referências

COLOGNESE, Silvio. A; MELO, José L. **A Técnica da Entrevista na Pesquisa Social**. Porto Alegre: Cadernos de Sociologia, 1998. V. 9, p. 143-159.

SOBREIRO FILHO, José. **A luta pela terra no Pontal do Paranapanema: história e atualidade**. Geografia em Questão, v. 5, n. 1, 2012.